

Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESPSP

Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação - FaBCI

JULIANA MARIA PRADO SIMÕES FRANÇA

Abelardo, o Homem Absurdo – A ótica de Sísifo em O Rei da Vela

São Paulo

2012

JULIANA MARIA PRADO SIMÕES FRANÇA

Abelardo, o Homem Absurdo – A ótica de Sísifo em O Rei da Vela

Trabalho temático interdisciplinar apresentado para avaliação dos docentes da grade curricular do 2º semestre do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

São Paulo

2012

O que aumenta os seus bens com usura e ganância ajunta-os para o que se compadece do pobre.

O que desvia os seus ouvidos de ouvir a lei, até a sua oração será abominável. (Provérbios 28:8-9)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. Sísifo versus Abelardo I - A alteridade	7
3. Primeiro Ato X A Criação Absurda - A perpetuação do capitalismo	9
4. Segundo Ato X O Homem Absurdo - O destemor	11
5. Terceiro Ato X Um Raciocínio Absurdo - Quando a esperança desaba	14
6. Considerações finais	16
7. Referências bibliográficas	17

1. INTRODUÇÃO

O Rei da Vela, peça escrita em 1933 por Oswald de Andrade, marcou uma nova fase no teatro brasileiro. Rompendo com as sutilezas, o autor critica furiosamente a realidade das classes dominantes, utilizando, nesta peça, ironias e sátiras que transmitem a linguagem oswaldiana num novo gênero na linguagem teatral, questionando e contestando os elementos formais já estabelecidos. Uma profecia dos novos tempos.

Sendo o autor pertencente à classe burguesa e sofrendo com a crise de 1929, essa rasteira o levou a frequentar os estabelecimentos - como o escritório de usura retratado em sua peça - descrevendo uma realidade da qual ele mesmo foi vítima. Acostumado ao dinheiro, sua posição como usurário foi descrita inteligentemente enquanto se encontrava 'na jaula'.

As imigrações europeias tão recorrentes à época demonstravam que muitos indivíduos buscavam por oportunidades em terras brasileiras para prosperar e, para isso, dependiam financeiramente dos empréstimos (insaldáveis) para iniciar a busca de seus objetivos econômico-ascensionais.

Depender de um agiota é depender de salvação. Abelardo I é o protagonista inescrupuloso que age de maneira impiedosa com os inadimplentes e enriquece à custa da privação alheia. Na ótica de Sabato Magaldi,

Assim o homem da sociedade capitalista é visto como alguém que se coisifica pela moral utilitarista, tendo como meta a redução da capacidade do homem produtor, suprimindo as alegrias e a paixão, condenando-o ao papel de máquina entregue ao trabalho contínuo sem trégua nem piedade. (MAGALDI, 2004)

Abelardo I independe de apego espiritual, ignora a esperança e desafia os deuses, tornando-se uma personagem anti-ético, consciente da sua posição como dominador. Aqui, o absurdo é o motor da história. Percebe-se, portanto, que o tema discutido pelo filósofo existencialista Albert Camus em 'O Mito de

Sísifo' discorre sobre o indivíduo que 'suicida' filosofias e valores morais em busca da sua posição perante a sociedade na qual pretende se inserir.

De acordo com Camus,

A única saída verdadeira é precisamente onde não há saída no juízo humano. Senão, para que precisaríamos de Deus? As pessoas só se dirigem a Deus para obter o impossível. Para o possível, os homens bastam. (CAMUS, 2010)

Ambas as obras literárias foram divididas em três partes. Para análise, serão feitos contrapontos entre os três atos de O Rei da Vela e os três capítulos de O Mito de Sísifo (Um raciocínio absurdo, O homem absurdo e A criação absurda), sem seguir a ordem apresentada. Cada qual com suas narrativas, as passagens reflexivas serão costuradas para entender e complementar o raciocínio entre os dois autores.

A perpetuação da imoralidade para o próprio bem – de Abelardo para Abelardo – também será discutida. Neste excerto publicado como texto introdutório à coletânea dos livros do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, Marilena Chauí explica sob a ótica deste filósofo,

Os homens não têm de fugir à vida como os pessimistas, mas como alegres convivas de um banquete que desejam suas taças novamente cheias e dirão à vida: uma vez mais. (CHAUÍ, p. 20, 1978)

Para elaboração desse trabalho temático, o personagem descrito por Camus será a base para entender o ceticismo de Abelardo I, seu niilismo como forma de caráter e postura nas suas negociações e abordar a questão do suicídio como fuga dessa realidade convencional.

2. Sísifo versus Abelardo I - A alteridade

Na escolha para o desenvolvimento do trabalho temático, foi necessária a leitura de O Rei da Vela para entender como a narrativa fora construída. Cada personagem e suas funções são contundentes para perceber como a questão do capitalismo e o empréstimo de dinheiro sob a ilegalidade foram fundamentais no aspecto humano da ganância desenfreada. Para entender o momento que vivemos hoje, é preciso olhar para o passado e entender quais são os movimentos cíclicos que seguem atuantes.

As dualidades são necessárias para entender que cada indivíduo tem maneiras distintas para se apresentar numa sociedade. A categoria do outro é tão original quanto a própria consciência do outro. As categorias do Mesmo e do Outro são base para a adaptação do indivíduo como 'ser-no-mundo'. Habitantes e estrangeiros, capitalistas e comunistas, negros e brancos: nada se define como Um sem colocar o Outro diante de si.

Sísifo, o astuto personagem da mitologia grega, foi considerado sábio e prudente por saber argumentar com veemência, posicionando sempre a favor de si próprio. Entre tantos aspectos comportamentais, seu destaque perante os mortais se deve pela atitude ofensiva aos deuses: Esta leviandade que o 'consagrou' foi o mote que o norteou durante sua existência. Este herói absurdo não se limita na busca de objetivos ostensivos, mesmo que não os conclua, ele percorre caminhos sem enxergar ninguém ao seu redor. No trecho

Tanto por causa de suas paixões como por seu tormento. Seu desprezo pelos deuses, seu ódio à morte e sua paixão pela vida lhe valeram esse suplício indizível no qual todo o ser se empenha em não terminar alguma coisa. É o preço que se paga pelas paixões desta Terra. (CAMUS, p. 122, 2010)

é possível perceber que tendo uma vida finita, Sísifo tem em si uma revolta que o faz viver uma vida sem sentido, ansiando inescrupulosamente seus desejos, porém torna-se limitado pela temporalidade.

A epígrafe que precede o capítulo Um raciocínio absurdo, determina a posição desse personagem: "Oh, minh'alma, não aspira à vida mortal, mas

esgota o campo do possível”. (PÍNDARO, s/d.). A partir disso, vê-se que essa ideia conecta um personagem ao outro.

No caso de Abelardo I, o personagem de Oswald foi assim nomeado por conta da histórica notoriedade do filósofo Pedro Abelardo que viveu um polêmico romance com Heloísa, personagem que também foi retratada - sob a alcunha de Heloísa de Lesbos - pelo autor na peça teatral. Como marca registrada, Oswald transpareceu seu anarquismo utilizando o amor como forma de junção entre os dois personagens. Porém, esse não era o sentimento que estava sendo cultivado entre os dois.

O que interessava ao personagem principal da peça era a sua maneira de se estabelecer numa classe que não era a dele. Sua ascensão e solidez na classe burguesa era a meta principal nesse casamento e, para isso, buscava em Heloísa de Lesbos a possibilidade de entrada nesta 'categoria' por meios aceitáveis. A astúcia de Abelardo I, claramente arquitetada para uma finalidade egóica, pode ser observada quando, num diálogo entre D^a Poloca, João dos Divãs e Heloísa:

João dos Divãs - O diabo é o homem mais encantador do mundo. O homem da Vela... de Heloísa.

[...]

João dos Divãs - Não quero saber. A vida dele é que nos salvou.

D^a Poloca (fuma com Heloísa) - Eu não gosto desse homem, não. Não teme Deus. É capaz de não querer casar no religioso... Mas o Perdigoto há de obrigá-lo! Este sim é um sobrinho que vale a pena! Me ensinou a tragar.

Heloísa de Lesbos - Casa! Ele está mudando. Me disse hoje que casa no religioso também. O cardeal virá à ilha... É uma honra. Um acontecimento! (ANDRADE, p. 78 – 79, 2011).

Nos dois casos, os personagens colocam-se acima dos homens e dos deuses para determinar que se deve percorrer um caminho de desesperança frente à vida. Não há compaixão com o próximo. Não se trata de uma simples questão de aceitar a obviedade da questão: Para que viver? Para que existir?

Abelardo e Sísifo vivem com inesgotável ambição. Pela ótica antropofágica de Andrade, "Só me interessa o que não é meu." (ANDRADE, 1928)

3. Primeiro Ato X A Criação Absurda - A perpetuação do capitalismo

Já reconhecendo qual o objetivo e posicionamento de Abelardo I dentro da narrativa de O Rei da Vela, é possível identificá-lo sob a ótica de Camus como o homem-absurdo, aquele que abdica da sua vida miserável, seguindo em direção a um novo caminho, na busca de ascensão. Com isso, liberta-se da sua condição primária e, como credor, enxerga nesta oportunidade a forma de usufruir as regalias a partir da exploração desmedida.

Neste primeiro ato, Andrade descreve a função de cada Abelardo e mostra que a usura passou a ser a razão fundamental para o benefício próprio. Uma vez consciente de seus atos inescrupulosos, Abelardo I, que conversa ao telefone com um padre, sem entender a gentileza do líder religioso. Prossegue o diálogo com seu 'sócio' que demonstra o interesse, com sutil ironia, em manter o exercício capitalista com afinco:

Abelardo I – Diga-me uma coisa, seu Abelardo, você é socialista?

Abelardo II – Sou o primeiro socialista que aparece no Teatro Brasileiro.

Abelardo I – E o que você quer?

Abelardo II – Sucedê-lo nessa mesa.

Abelardo I – Pelo que vejo o socialismo nos países atrasados começa logo assim... Entrando num acordo com a propriedade...

Abelardo II – De fato... Estamos num país semicolonial...

Abelardo I – Onde a gente pode ter ideias, mas não é de ferro.

Abelardo II – Sim. Sem quebrar a tradição. (ANDRADE, p. 50 – 51, 2011).

Na época em que o livro foi publicado, o Brasil vivia uma fase de expansão econômica, contando com a vinda de muitos estrangeiros em busca

de oportunidades que não lhes eram dadas em seus países de origem. De acordo com Afrânio Mendes Catani,

A economia colonial organizou-se para cumprir uma função: a de instrumento de acumulação primitiva de capital. Dessa forma era preciso estabelecer mecanismos de exploração de modo a permitir: que o lucro gerado na colônia fosse apropriado quase que integralmente pela burguesia metropolitana. (CATANI, p. 63-64, 1989)

Tanto em O Rei da Vela, quanto em O Mito de Sísifo, nota-se que as características absurdas diagnosticam que a função do homem em busca de seus interesses passa a criar estratégias ilimitadas que determinam seus propósitos. Não faz sentido algum desenvolver capital através de atitudes éticas. Os Abelardos não disfarçam.

Nos diagnósticos e advertências existencialistas, o Mito de Sísifo apresenta uma nítida formulação teórica, descrevendo como o indivíduo utiliza seus mecanismos compensatórios na conquista - num sentido dúbio da expressão - de novos valores. Pode-se notar que

Esses homens antes de mais nada sabem, e depois todo o seu esforço irá consistir em percorrer, aumentar e enriquecer a ilha sem futuro que acabam de abordar. Mas é preciso primeiro saber. Pois a descoberta absurda coincide com um tempo de detenção em que se elaboram e legitimam as paixões futuras. (CAMUS, p. 98, 2010)

Portanto, para que a pedra do capitalismo não deixe de rolar, os Abelardos necessitam criar situações que perpetuem suas atividades como credores. É conveniente ao poder paralelo - mesmo que, nessa época, essa prática não era reconhecida por essa denominação - que existam indivíduos dependentes desta fonte. O acúmulo monetário torna-se vicioso e, para que a usura seja feita através de uma manutenção insaciável é nesta passagem que Camus pode despertar novas reflexões: "Ela marca ao mesmo tempo a morte de uma experiência e sua multiplicação". (CAMUS, p. 98, 2010).

4. Segundo Ato X O Homem Absurdo - O destemor

A partir do segundo ato, o autor decide espinafrar os valores éticos de Abelardo I, discutindo com fluência as atitudes ilimitadas do protagonista. Ao descrever o cenário da peça como Ilha Tropical, encontram-se os mais diversos tipos de artefatos, pessoas e situações. Em meio ao caos, todo o núcleo - da burguesia falida aos oportunistas ascensionais - se apresenta, com movimentações fervorosas e enredos impetuosos, através de conchavos e interesses devidamente calculados, Abelardo passa a costurar diálogos entre os personagens secundários para dar a tônica do seu propósito: almejar sua posição numa classe social que não pertence a ele. Para isso, liberta-se de toda moralidade e empatia, enfrentando a tudo e a todos. E é com essa frieza que Abelardo deixa transparecer sua condição niilista.

Para Nietzsche,

O homem livre é não-ético, porque em tudo que depender de si e não de uma tradição: em todos os estados primitivos da humanidade 'mau' significa o mesmo que 'individual', 'livre', 'arbitrário', 'inusitado', 'incalculável'. (NIETZSCHE, p. 159, 1978)

Mas é no pensamento, e pelo pensamento, que ele ultrapassa aquilo que é. E são nestas fortuitas oportunidades que Abelardo I passa a vencer seus oponentes e submissos devedores. Sendo assim, para manipular, o protagonista utiliza artifícios favoráveis a ele próprio e Luther Blissett sabiamente descreve essa tônica:

O Livre Espírito é aquele que abandonou o Calvário da Memória com muita pressa, após ter ganho uma túnica no jogo de dados, aqueles alterados que trouxera de casa. (BLISSETT, p. 119, 2001)

A eternidade cria barreiras. Quando Estragon e Vladimir, em Esperando Godot, buscam por algo transcendente, o leitor entende que a utopia desses dois ingênuos personagens não tem fim, porque estão ansiando seu contato com o divino, o que nunca acontecerá. O que realmente importa para Abelardo é o aqui e o agora, desafiando toda a sorte de níveis - sociais, religiosas -

demonstrando que o limite está aí pra ser extirpado. Ciente da sua condição, o protagonista desenvolve seu destemor partindo de princípios rotos, que passam a confrontar esses limites pré-concebidos e é assim que Abelardo e Sísifo passam a conciliar pontos-de-vista, tornam-se homens de Livre Espírito.

No primeiro parágrafo do capítulo O Homem Absurdo, Camus descreve:

O que é de fato o homem absurdo? Aquele que, sem negá-lo, nada faz pelo eterno. Não que a nostalgia lhe seja alheia. Mas prefere a ela sua coragem e seu raciocínio. A primeira lhe ensina a viver sem apelo e a satisfazer-se com o que tem, o segundo lhe ensina os seus limites. Seguro de sua liberdade com prazo determinado, de sua revolta sem futuro e de sua consciência precíval, prossegue sua aventura no tempo de sua vida. Este é seu campo, lá está sua ação, que ele subtrai a todo juízo exceto o próprio. (CAMUS, p. 73, 2010)

A partir disso, questiona-se: Qual o sentido da vida? No caso de Abelardo I, existe algum sentido de fato? O espectador, ávido pelo desenvolvimento de todo o processo imoral do personagem, identifica possíveis atitudes que podem ser utilizados na sua vida prática, tudo isso acontece sem esquecer que Abelardo abdicou da sua condição de classe baixa, logo, nada mais o impede para conquistar seus objetivos ilícitos. Seu 'don-juanismo' desafiador, também conotada pela franca camaradagem sexual, tão explicitado na sua relação com Heloísa de Lesbos, condiciona a necessidade de conquistar sua notoriedade perante a burguesia em crise - que não é vista com bons olhos pela sociedade - mesmo que seu dinheiro possa salvar a decadência dos bons-vivants.

D^a Poloca (Indignada) - Pois o senhor é aquele cavalheiro dos Sinos de Corneville!

Abelardo I - Acertou! Por que é que a senhora há de ser tão simpática quando estamos a sós. E tão infame na frente dos outros?

D^a Poloca - Mas como é que o senhor quer que eu proceda em sociedade?

Abelardo I - Quero que proceda humanamente!

D^a Poloca - Desde quando que a humanidade é um pedaço de marmelada, seu Abelardo? Eu defendo o meu ponto de vista de tradição e de família?

Intransigentemente. Sou sua melhor amiga (Carinhosa) em segredo. Mas não posso dar confiança em público a um novo-rico, a um arrivista, a um Rei da Vela!

Abelardo I - E se eu a fizesse a Rainha do Castiçal?

D.^a Poloca - Prefiro ser a neta da Baronesa de Pau-Ferro. A neta pobre e inválida que sempre viveu do pção dos irmãos e cujo resto de família foi salvo por um... intruso!

Abelardo I - Por um intruso...

D.^a Poloca - Que nos tira da ruína mas tem que conhecer as diferenças sociais que nos separam. Tenho sessenta e dois anos. Vi as poucas famílias que restam do Império se degradarem com alianças menores. Como o meu mano que se casou com essa garça! Sei que é esse o destino da minha gente. Mas resisto é me opondo às relações fáceis e equívocas da sociedade moderna. (ANDRADE, p. 73, 2011).

Durante todo o desenrolar do Segundo Ato, Abelardo I desafia com tons irônicos e pungentes seu destemor. Num diálogo com sua noiva, Heloísa de Lesbos, no auge de suas baixas tramitações, é ele quem demonstra seu desapego espiritual e nega com toda a convicção a existência de Deus:

Abelardo I (Rindo) - É. A gente nos momentos difíceis é obrigado a fazer concessões. Depois o Americano quer união, das confissões religiosas, dos partidos... É preciso justificar, perante o olhar desconfiado do povo, os ócios de uma classe. Para isso nada como a doutrina cristã...

Heloísa - Hein? Você já está assim?

Abelardo I - O catolicismo declara que esta vida é um simples trânsito. De modo que os que passaram mal, trabalhando para os outros, devem se resignar. Comerão no céu...

Heloísa - E os outros?

Abelardo I - Os outros nem precisam nem acreditar. Podem até adotar o ceticismo ioiô. A vida é um eterno ir e vir... ioiô...

Heloísa - E quando enrosca?

Abelardo I - Aí apela-se para Schopenhauer. E imediatamente adota-se a filosofia do tiro no ouvido... Deve doer, não? O mundo então é uma miséria. Como Deus não existe mais. Só há um remédio. O salto no Nirvana.

Heloísa - Por isso é que você se aniquilou em mim...

Abelardo - De fato, a minha vida enroscou na sua, Heloísa. Num momento grave, em que é preciso lutar e vencer. Sem piedade. De uma maneira fascista mesmo. Vou me aliar ao Perdigoto e ao Bensaúde. Eles têm utilidade. (ANDRADE, p. 89, 2011).

É na falta de sentido que Abelardo segue sua vida. Nada mais importa.

5. Terceiro Ato X Um Raciocínio Absurdo - Quando a esperança desaba

Os indícios da descrença de Abelardo I que percorrem durante os atos anteriores são potencializados neste desfecho, dramatizando o seu desencantamento do mundo. Morre o homem, o sistema permanece. Porém, antes de morrer, Abelardo I está consciente para afirmar que a burguesia está condenada e que os proletários se unirão para acabar com este poder imposto. Entretanto, ressalta que, até o dia dessa revolução, todos permanecerão submetidos ao imperialismo americano e ao capital estrangeiro. Ciente da sua nova condição, pede uma vela antes de morrer. Recebe uma das mais baratas, e falido, é enterrado numa vala comum.

Eis o ápice de toda a narrativa: o Suicídio. Se antes houve o suicídio filosófico e dos valores morais, vê-se que haverá uma sucessão de Abelardo para Abelardo em que a lei da esperteza vigora nesse ambiente. Por isso prepara a sua noiva para que seja desposada por aquele que lhe roubou tudo o que tinha, até sua esperança.

A partir disso, uma tensão temática direciona toda a narrativa do Terceiro Ato que mostra um Abelardo livre de cinismo e vulgaridade. No primeiro capítulo de *O Mito de Sísifo*, Camus discorre sobre problema essencial do vazio de sua existência, refletindo a perspectiva miserável do indivíduo:

Começar a pensar é começar a ser atormentado. A sociedade não tem muito a ver com esses começos. O verme se encontra no coração do homem. (CAMUS, p. 20, 2010).

No gesto de se matar, o homem permite que resoluções filosóficas pululem à exaustão, confessando a si próprio de que foi ultrapassado pela vida ou que não a compreendeu. Ou, em termos mais coloquiais, é confessar que viver 'não vale a pena'. Não decorre, porém, da mera descoberta do absurdo, isto é, da inexistência de respostas, para os anseios profundos do homem por significado.

Abelardo I enxerga no suicídio uma luz para findar suas crises de realidade moral.

Abelardo I - Meu alter ego! Foi um suicídio autêntico. Abelardo matou Abelardo.

[...]

Abelardo II - Por que fez essa loucura?

Abelardo I - Um homem não tem importância... A classe fica. Resiste. O poder do espiritualismo. Metempsicose social...

Abelardo II - Quer que eu chame um médico?

Abelardo I - Para quê? Para constatar que eu revivo em você? E portanto que Abelardo rico não pagará a conta de Abelardo suicida? (ANDRADE, p. 100, 2011).

Perturbado pelo seu fracasso, Sísifo vê no suicídio uma maneira evoluída de manter seu nome e sua honra acima dos homens.

Um homem sem esperança e consciente de sê-lo não pertence mais ao futuro. Isto é normal. Mas também é normal que se esforce para escapar do universo que criou" (CAMUS, p. 42, 2010)

O suicídio como resposta prática, é o consentimento definitivo não com o niilismo enquanto conceito abstrato, mas com um niilismo vivido, encarnado, que quer fazer sangrar os pulsos, que quer a aniquilação. Mas, se o niilismo quer tal aniquilação, o corpo do homem não a quer, recua, se apega à vida, apego este em que 'há algo mais forte que todas as misérias do mundo'. Em forma de desapego, desamor, desesperança.

6. Considerações Finais

Do que nos fala O Rei da Vela e O Mito de Sísifo? Exploração? A disputa incansável pelo poder? Morte?

Sob qualquer aspecto, o absurdo é a marca registrada de O Rei da Vela. Com o escrachado Oswald, Zé Celso e o Teatro Oficina, cada um pode atribuir ao termo uma inesgotável fonte de sentidos filosóficos para tentar decifrar quais os aspectos da vida são necessários para olharmos com profundidade o empirismo cotidiano. Com Sísifo de Camus, as artimanhas que utilizou para vencer os desafios colocados em seu caminho serviram para analisar a individuação do homem na busca incessante pela vitória através de comportamentos bárbaros e angustiantes. Como pano de fundo para a construção deste trabalho temático, Sísifo se integrou positivamente ao teatro do antropófago.

Com a sarcástica análise da sociedade em ambas leituras, nenhum leitor permanece indiferente as exacerbações apresentadas em forma de reflexão. Nada acontece por acaso, nem poderia ser. A desumanização das relações elimina qualquer possibilidade de respeito, permanecendo, até hoje, como uma crítica mórbida da nossa atualidade.

7. Referências Bibliográficas

ANDRADE, Oswald de. O rei da vela. 2.ed. São Paulo: Globo, 2011. 132 p.
(Obras completas)

BLISSETT, Luther. Guerrilha Psíquica. São Paulo: Conrad, 2001. 260 p.

CAMUS, Albert. O Mito de Sísifo. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010. 138 p.

CATANI, Afrânio Mendes. O que é capitalismo. 27. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. 117 p. (Coleção primeiros passos; 04).

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Obras incompletas. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. 416 p. (Os Pensadores)